

**Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique.
Todo o resto é publicidade.**



fernaocampos

o calvário de JULIEN ASSANGE

JULIEN ASSANGE ESTÁ FINALMENTE LIVRE. Depois de treze longos anos de calvário. Em 2012 fiz-lhe este “retrato”, quando se encontrava confinado na embaixada do Equador em Londres e o seu calvário ainda estava no início. Depois, haveria de ser vergonhosamente entregue aos bifos e encerrado nas masmorras da pérfida Albion perante a indiferença cínica dos meios de comunicação a quem ele tinha oferecido gratuitamente notícias frescas e verdadeiras.

O mesmo país que se recusou a extraditar PINOCHET para ser julgado no seu país e andou anos a ameaçar extraditar ASSANGE para os Estados Unidos da América, onde se arriscava a uma pena perpétua, concedeu-lhe finalmente a liberdade; sob a condição de se considerar culpado... de ter violado a lei de espionagem – dos Estados Unidos da América.

É claro que ASSANGE, como Galileu Galilei, confessou o “crime”: “Quando trabalhei como jornalista, incentivei a minha fonte a fornecer informações consideradas confidenciais para que eu pudesse publicá-las” e também pode ter suspirado algo muito semelhante: “e no entanto, são todas verdadeiras”.

ASSANGE, é aquele género de jornalista que além de publicar factos que são verdade, mesmo quando eles são muito confidenciais e a sua divulgação considerada muitíssimo inconveniente, também publica as provas.

– Sem JULIEN ASSANGE, nunca saberíamos dos inúmeros crimes de guerra e violações dos direitos humanos perpetrados pelo exército e pelos serviços secretos dos Estados Unidos da América no Iraque e no Afeganistão, por exemplo.

– Sem ASSANGE nunca saberíamos, por exemplo, que em Portugal, o presidente Cavaco deu aval à sórdida trasfega de

carne humana para Guantánamo congratulando-se, na sua cândida e malévola imbecilidade, porque o país “tem uma imprensa muito suave”.

– Sem ASSANGE NUNCA saberíamos que os serviços secretos dos Estados Unidos Da América fizeram escutas secretas grosseiras e ilegais a estadistas de países aliados, como o Brasil ou a Alemanha, por exemplo.

- Mas ASSANGE deu-nos a saber mais, muito mais, coisas que nunca saberíamos só pelos jornais. E até coisas que os nossos jornais, com os seus mui suaves critériosinhos d’oportunidade, nunca divulgaram; mesmo quando lhes foram oferecidas, de graça, por JULIAN ASSANGE.

Eu, por exemplo, ainda estou à espera da lista dos “jornalistas” avançados do senhor Salgado. Bem sei que posso fazê-lo sentado; ainda que sinta que nunca estarei tão confortável e impassível como a nossa imprensa de referência a assistir ao calvário de JULIEN ASSANGE.

Nota de rodapé: A frase em epígrafe é com frequência atribuída erroneamente a GEORGE ORWELL. A citação também costuma ser atribuída a WILLIAM RANDOLPH HEARST. Porém, na referência mais antiga da citação de que se tem notícia (1918), a autoria da frase é desconhecida.

<https://ositiodosdesenhos.blogspot.com/> (24-06-2024)

FERNANDO CAMPOS. Nasceu no Uíge, Angola, em 1962. Reside desde 1983 na Figueira da Foz onde desenvolve actividade no campo das artes gráficas (serigrafia de arte e publicidade), escultura, ilustração, cartoon, decoração e design de móveis e objectos. Expõe pintura desde 1984. Está representado no Museu Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz e em numerosas colecções particulares. Foi fundador e primeiro director, nos anos 80, na Figueira da Foz, de uma revista mensal de humor gráfico e banda-desenhada, a Ondartebd. Foi co-fundador, em 1995, da Cooperativa OESTE e do jornal A linha do Oeste, do qual foi director adjunto e onde assumiu a direcção gráfica assim como outras responsabilidades (cartunista, ilustrador, fotógrafo, repórter e redactor). Em 2003 participou na fundação da Magenta, Associação dos artistas pela Arte, da qual se desvinculou em 2013.

Jesus, o carpinteiro.

JESUS, QUE TINHA NASCIDO EM Belém, a sul de Jerusalém, mas era filho da Galileia, começou a pregar na sua terra o Reino de Deus: «o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré...» (Lc 1,26). Ele próprio, Jesus, crescera na Galileia, em Nazaré (Lc 2,51), e na Galileia começou a pregar: «veio de Nazaré da Galileia» (Mc 1, 9) procurar João, nas margens do Jordão (Mc 1,5).

Pregar o quê?: «O Reino de Deus está próximo; arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1,15). O Reino, no entanto, não é para depois, é agora, começa aqui. Jesus é o anunciador do Reino, mas também o seu começador e um protestador: os muitos milagres que Jesus faz são um protesto contra a miséria humana, contra um mundo velho. Por isso Jesus é também um curador: cura cegos e surdos-mudos, cura mulheres e crianças, cura doentes que só em catres se deslocavam, etc., como por alto, vimos domingo passado. Curava os mais débeis, os do último degrau da sociedade. Não consta que tivesse curado ricos e trapaceiros. Curava e desafiava as leis da própria Natureza: acalmava tempestades (Mc 4,35) e caminhava por cima das águas (6,45), multiplicava o pão para chegar para todos (Mc 6,34 e 8,1)...

Claro que isto ouvia-se ao longe. Lá em baixo, em Jerusalém, soube-se logo. Claro que apareceu de imediato uma onda de entusiasmo: «Todos se maravilhavam e glorificavam a Deus, dizendo: nunca vimos coisa assim!» (Mc 2,12), mas logo começaram tam-

bém os problemas: «os fariseus reuniram-se com os partidários de Herodes para deliberar como haviam de matar Jesus» (Mc 3,6) e «os doutores da Lei que tinham descido de Jerusalém afirmavam: ele tem mas é Belzebu no corpo!» (Mc 3,22). Como sempre, Política («os partidários de Herodes») e Religião («os doutores da Lei») do mesmo lado.

Afirmaram: «ele tem Belzebu no corpo». Belzebu quer dizer, à letra: "deus de m..." (Baal era o maior deus do panteão cananeu).

Estavam, pois, lançados os dados do conflito que o levariam à morte. O próprio Jesus, no fim da 1ª parte deste Evangelho de Marcos, dirá aos discípulos: «Acautelai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes» (8,15). Jesus tinha de morrer porque tudo se havia já precipitado nesse sentido.

Mas surgiram dificuldades vindas de «os seus». «Os seus», isto é, «sua mãe e seus irmãos» (Mc 3,31), que andavam à procura dele porque tinham tido notícia de que ele andava pirado da cabeça. Vinham, muito naturalmente, repreendê-lo e dar-lhe bons conselhos. Aponta nesse sentido o facto de ele andar já metido com uns tipos no mínimo raros, pescadores - a Galileia ficava longe do mar, eram todos rurais e tinham reminiscências da vida pastoril; um deles devia ser mesmo um estoura-vergas, à letra "Filho do Trovão" (o nosso conhecido Tiago), gente com quem, ainda por cima, se sentava à mesa a comer (1,31; 2,16).

Tudo o que Jesus fazia por terras

da Galileia levantou um certo burburinho, positiva e negativamente: uns maravilhavam-se (5,20), outros preocupavam-se. Entre eles os familiares.

A certa altura, ele próprio, certamente já preocupado com o que começava a acontecer, *«partiu dali e foi para a sua terra»* (6,1). Pior ainda! Foi então que os conterrâneos e familiares entraram em ruptura com ele. Sabemos como é a família! Os novos tinham de seguir as passadas dos progenitores, hoje já não é bem assim, mas... Caso contrário... E Jesus tinha rompido com a família.

Os próprios Doze eram o núcleo de uma nova comunidade reunida à sua volta. A história é velha. Já a Jeremias tinham apontado o mesmo: *«Os teus próprios irmãos e a casa de teu pai, até eles te atraíçõaram, até eles te criticam pelas costas!»*. Ao que o profeta acrescentara: *«Deixei a minha família, abandonei a minha herança e entreguei a mãos inimigas o que de mais caro possuía no coração»* (Jr 12,6-7).

Quando os velhos *«filhos de Abraão»* - isto é, os filhos de sangue - recusam, outros (filhos de Abraão) *«nascerão das pedras»* (Lc 19,40).

É no seguimento de todo este processo que os seus familiares dizem a seu respeito: *«Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria? E ficaram perplexos a seu respeito»* (6,3).

Só para vermos como é hoje difícil ler o texto evangélico. A palavra – carpinteiro – que Jesus utilizou na sua língua foi traduzida para grego por uma outra que quer dizer simplesmente trabalhador da construção civil (que tanto podia ser pedreiro como

carpinteiro: naquele tempo, a maior parte das casas era de madeira). São Jerónimo, na tradução para latim, põe lá *faber* (operário da construção civil, carpinteiro ou pedreiro). Claro que, depois das invasões bárbaras, deixou de se construir em pedra na Europa; só muito mais tarde se voltou a ela. Daí que se não estranhe que a palavra latina que designava o trabalhador da construção civil se tenha restringido à significação de carpinteiro. Nas nossas cidades antigas, as casas eram (quase) só de madeira. Por isso é que havia muitos incêndios!

No entanto, na mesma língua de Jesus, a palavra que ele utilizou não queria só dizer artesão/trabalhador da construção civil. Aplicava-se um trabalhador perito e perfeito na sua arte e profissão. Aquilo é que ele é ou era um artista! Um Ronaldo numa carpintaria!

A ser assim, ser chamado carpinteiro (Mc 6,3) ou filho de carpinteiro (Mt 13,55) tanto podia ser um depreciativo como um elogio: um carpinteiro, isto é, um tipo sem nada de especial, ou exactamente o contrário.

Seja como for, por isto se vai vendo como os dias de Jesus, com o que fazia e dizia, o iam conduzindo para um drama supremo, o da sua morte.

Temos hoje mais dificuldade em perceber a sua humanidade que a sua divindade? Apesar de tudo, creio que não. A sua divindade atrapalha-nos mais que a humanidade. Mas a verdade é que só percebendo bem e até ao fundo a sua humanidade se pode entender porquê e como ele é o salvador da Humanidade.



JERUSALÉM, JERUSALÉM...

Minha Princesa de mim:

Escreveu Paul Claudel sobre a sua conversão: «Tel était le malheureux enfant qui, le 25 décembre 1886, se rendit à Notre-Dame de Paris pour y suivre les offices de Noël». Começava então a escrever e pensava que nas cerimônias católicas, consideradas com superior diletantismo, eu

encontraria um excitante apropriado e matéria para alguns exercícios decadentes. Assim disposto, acotovelado e empurrado pela multidão, assisti, com medíocre prazer, à missa solene. Depois, como nada mais tinha para fazer, voltei para as "vésperas". Os meninos do coro, vestidos de branco, e os alunos do Seminário Menor de Saint-Nicolas-du-Chardonnet, que assistiam, cantavam o que, mais tarde, soube ser o Magnificat. Eu mesmo estava de pé, no meio da multidão, junto do segundo pilar, à entrada do coro, do lado direito da sacristia. E foi então que se produziu o acontecimento que domina toda a minha vida. Num instante o meu coração foi tocado e EU ACREDITEI. Acreditei, com tal força de adesão, com tal comoção de todo o meu ser, com tão poderosa convicção, com certeza tal que não deixava lugar a qualquer dúvida, ao ponto de, desde então, todos os livros, todos os raciocínios, todos os acasos de uma vida agitada, não puderam abalar a minha fé, nem, na verdade, lhe tocarem sequer". Isto tem algo de paulino. No livro dos Atos dos Apóstolos, regista-se uma arenga de S. Paulo aos judeus de Jerusalém, em que, a dado passo, o fariseu de Tarso narra a sua conversão à "Via": "Estava a caminho e aproximava-me de Damasco, quando, de repente, cerca do meio-dia, uma grande luz vinda do céu me envolveu com o seu brilho. Caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: 'Saúl, Saúl, porque me persegues?' Respondi: 'Quem és tu, Senhor?' E ele então disse-me: 'Sou Jesus Nazareno, que tu persegues'." E o mesmo Paulo escreverá na sua carta aos Gálatas: "Com Cristo estou crucificado. Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim. Se ainda vivo dependente de uma natureza carnal, vivo animado

pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim. Não quero tornar inútil a graça de Deus, porque se a justificação viesse por meio da Lei, então Cristo teria morrido em vão". Nestes e noutros testemunhos, a conversão irrompe no duplo sentido que a palavra latina "rutura" em línguas latinas significa: a rutura que nos chegou por via erudita e quer dizer cisão, separação; e a rotura, adveniente por via popular, com que dizemos corte interno, golpe, ferida. O convertido rompe com o seu passado, crenças e pertenças antigas. Mas também sente que, no fundo de si, uma ferida se abriu, que o mantém alerta e ele não deverá deixar sarar. A vocação de Deus à transformação dessa criatura num "homem novo", cega pelo brilho da luz da revelação. Quando reabrir os olhos e sentir a dor profunda de uma alegria nova, verá tudo com outro olhar e saberá que nada poderá fazer com que estremeça a fidelidade interior ao destino que então descobriu. Outras conversões houve e há que seguiram um percurso mais lento, estudioso até: as dos Maritain, Jacques e Raïssa, e de Vera, irmã desta; a de Edith Stein. E outras que nunca se manifestaram em confirmações públicas, mas não terão, por isso, sido menos profundas, como a "Attente de Dieu" de Simone Weil. As Escrituras não dizem se Saúl de Tarso ia a cavalo no caminho para Damasco. Mas tombando de um cavalo o foi representando a arte europeia, talvez para realçar a nobreza da personagem, a violência do acontecimento, o efeito da força que vem de cima. Miguel Ângelo pintou a cena numa parede da Capela Paulina, no Vaticano: seguindo o relato de S. Lucas, representa Cristo nas alturas, rodeado de anjos guardiões sem asas, desferindo o relâmpago da graça que fere S. Paulo e o deita ao chão, cego de luz... O tema da graça foi muito discutido antes e durante o Concílio de Trento, cujo papa foi Paulo III, que encomendou o fresco, iniciado por Miguel Ângelo em 1542. O grande artista regressou muitas vezes a ele, incluindo em poemas que compôs no fim da vida. Os exemplos das conversões repentinas e estrondosas parecem sustentar as teses da predestinação, de Calvino aos jansenistas: a graça de Deus opera independentemente da vontade dos homens... No quadro de CARAVAGGIO - que também vimos juntos em Roma, lembrás-te? - Cristo inclina-se, suspenso no ar por um anjo que parece transportá-lo, para estender a mão direita a Paulo derrubado, gritando de dor, com ambas as mãos postas sobre os olhos que a súbita iluminação cerrou, e que só voltarão a ver depois da revelação interior lhe ter transformado o olhar. Um soldado tapa os ouvidos, não quer ouvir a voz que fala a Paulo, e não vê a luz, como no relato de S. Lucas; outro, mais idoso, nada ouve, mas a luz tira-lhe a vista e ele aponta

para cima, contra quem não pode ver, a lança que manipula. A graça de Deus escolhe? Ou será como a Palavra na parábola da semente lançada à terra, cujo destino dependerá do solo em que for cair? Estou no meu antro, nem pássaros já cantam no jardim. Todos dormem por estas longitudes. Vem ainda longe a manhã. Vou ao sermão 71 do "meu" Mestre Eckhart: *"Surrexit autem Saulus de terra apertisque oculis nihī videbat"*. O místico dominicano alemão, que ainda viveu no século de Petrarca e foi condenado em Avignon (fala-se hoje em canonizá-lo!), cita da "Vulgata" latina este passo dos "Atos" de S. Lucas, que diz: Paulo levantou-se do chão e, de olhos abertos, não viu nada. E comenta: "Não poderia ver o que é Uno. Nada viu, era Deus. Deus é um nada e Deus é um algo. O que é algo, isso também é nada. O que Deus é, é-o plenamente. Por isso Dinis, o luminoso, diz, quando escreve sobre Deus: Ele é para além ser, para além-vida, para além luz; não lhe atribui nem isto nem aquilo, e quer dizer que Ele é não se sabe o quê que é tão longe para além. Alguém vê qualquer coisa, ou qualquer coisa cai no teu conhecimento, não é Deus; não o é pela simples razão de que Ele não é isto nem aquilo. Aquele que diz que Deus está aqui ou ali, não acrediteis nele. A luz que Deus é, brilha nas trevas. Deus é uma verdadeira luz; aquele que deve vê-la tem de ser cego e deverá manter Deus à parte de toda qualquer coisa. Diz um mestre (Santo Agostinho): aquele que fala de Deus por qualquer comparação, fala d'Ele de um modo que não é límpido. Quanto ao que fala de Deus por nada, esse fala d'Ele de modo apropriado. Quando a alma chega ao Uno e entra num límpido despojamento de si mesma, então ela encontra Deus como num nada. Pareceu a um homem, como em sonho - era um sonho acordado - que ele estava prenho de nada como uma mulher com um menino, e no nada nasceu Deus. Ele era o fruto do nada. Deus nasceu do nada. Por isso ele diz: 'Levantou-se do chão e, de olhos abertos, não viu nada'... Aquele sonho acordado teve-o Mestre Eckhart. A linguagem dos místicos é sempre um pouco difícil para nós, sobretudo por vivermos no mundo confuso das imagens. Ela é simplíssima, magra, não se perde em pietismos ou devoções sentimentalmente antropomórficas. Procura comunicar a experiência íntima de evidências que só no silêncio se descobrem e só na disciplina interior do silêncio podem ser partilhadas. Ao ser derrubado e cego, S. Paulo apenas pergunta: 'Quem és tu, Senhor?' E só isso faz sentido." O marquês de Sarolea tinha dois mundos: o da sua circunstância, onde folgadoamente se movia, e o do seu mistério interior, a que pertencia.

por CAMILO MARTINS DE OLIVEIRA

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/antologia-1693756> (29-06-2024)